

Maciço do Itatiaia*

ALFREDO JOSÉ PORTO DOMINGUES
Geógrafo do C.N.G.

Excelentíssimo senhor secretário-assistente do C.N.G., Prof. JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, senhores delegados, minhas senhoras e meus senhores: Tendo recebido a incumbência do senhor diretor da Divisão de Geografia de fazer uma conferência sobre o Itatiaia, é com o máximo prazer que, desincumbindo-me dessa missão, dirijo a palavra a tão distinta assistência.

Para facilitar o trabalho, dividiremos a nossa palestra em partes.

Na primeira, passaremos uma vista de conjunto sobre a região.

Em seguida, estudaremos alguns problemas geográficos, especialmente da geomorfologia da região do maciço. Logo após examinaremos as hipóteses de que poderemos lançar mão para explicar as suas origens, fazendo algumas críticas. Continuando, apresentaremos algumas notas sobre a flora e a fauna do maciço, e, a seguir alguns traços sobre a paisagem cultural.

Para concluir, faremos algumas observações sobre o Parque Nacional do Itatiaia, administrado proficientemente pelo Dr. WANDERBILT DUARTE DE BARROS, ao qual agradecemos a valiosa cooperação e o material que nos proporcionou, a fim de atingirmos nosso escopo.

Quem viaja do Rio para São Paulo, seja pela rodovia, seja pela ferrovia, após atravessar uma área em que o Paraíba corre enquadrado por uma série de garupas gnáissicas, de altitudes que oscilam entre 450 e 550 metros, chega à região entre Resende e Queluz e vê, ao norte, erguer-se um gigantesco conjunto de montanhas dominando o vale do Paraíba, com elevações de mais de 2 000 metros. Surge tal barreira como um imenso pilar alçado a grande altitude. O contraste é muito vivo, por se ter interrompido a série de garupas, dando lugar ali a um relêvo menos movimentado com formas tabulares. E ao fundo, dominando tudo isto, ergue-se, abruptamente, o Itatiaia.

E, também, ao lançar a vista para o sul, divisará a sucessão de colinas elevando-se, pouco a pouco naquela direção e, como que estreitando o horizonte, ao fundo, observará um outro maciço que domina esta planura. É a serra da Bocaina.

Ultrapassando-se o maciço do Itatiaia a rumo norte, penetra-se numa zona mais baixa, cortada de rios que drenam diretamente para o rio Grande. Os cimos, nesta parte, agrupam-se em torno da mesma altitude.

O maciço do Itatiaia caracteriza-se pela apresentação da paisagem de um planalto erigido de pontões, os mais variados. Muitas vezes a superfície é coberta por uma camada de blocos de sienito de tamanhos diversos, até vários metros, que se erguem sobre o solo turfoso, coberto de gramíneas.

O alto do Itatiaia, pode ser descrito como um alto planalto, bastante acidentado. Dominando-o, erguem-se, soberanamente, os gigantescos conjuntos representados pelas Prateleiras e as imponentes Agulhas Negras.

Separadas do Itatiaia propriamente dito, mas pertencentes ao mesmo conjunto do maciço, encontramos outras serras majestosas, como a serra Negra e a serra de Queluz. Caracterizam-se estas por pertencerem ao grupo das elevações constituídas das mesmas rochas que as do maciço do Itatiaia.

Entretanto, estudaremos, mais pormenorizadamente, o bloco no qual se erguem as Agulhas Negras e as Prateleiras.

O topônimo indígena Itatiaia, como quer TAUNAY, significa penhasco cheio de pontas e é, segundo TEODORO SAMPAIO, a corruptela da forma primitiva Ita-ti-ai.

* Conferência pronunciada no Parque Nacional do Itatiaia, por ocasião da excursão dos delegados à XII Assembléia Geral do C.N.G., em outubro de 1952.

O nome foi, sem dúvida, influenciado pela aspereza das formas e êste aspecto impressionou provavelmente os indígenas que palmilhavam o território.



Fig. 1 — Vista panorâmica do planalto. Creio que após o exame dessa fotografia será difícil afirmar a existência de traços da superfície de campos de De Martonne. Trata-se duma topografia bastante confusa, cheia de estranhas formas dentro as quais destacamos agulhas e outros acidentes curiosos. Ao fundo na parte central tem-se as famosas Agulhas Negras que se destacam pelo seu perfil altíssimo (Foto A. Domingues)

O termo Agulhas Negras tira o seu nome do aspecto de verdadeiras agulhas, aspecto topográfico que reflete uma adaptação das formas do relevo à estrutura e que veremos mais tarde, quando passarmos em revista os problemas de geomorfologia do maciço.

Quando o visitante contempla o conjunto das Agulhas Negras queda-se extasiado com a paisagem que se assemelha a uma paisagem lunar, com os seus picos de formas variadas e no meio dos quais a vegetação mal se percebe, ofuscada pela grandiosidade dos blocos. Esta paisagem em nada se compara ao que se observa em outras tantas regiões do Brasil.

O limite da grande massa de rochas eruptivas, que constituem o Itatiaia, é bem mais dilatado que aquêle figurado na carta geológica de Minas. No lado fluminense se estende até a divisa com o estado de São Paulo, penetrando mesmo neste estado, como foi verificado pelo Dr. ALBERTO RIBEIRO LAMEGO.

Êste geólogo observou que o maciço se estende bem mais para oeste, prolongando-se além do meridiano que passa pela cidade de Cruzeiro. Na direção do norte observase que as rochas foiaíticas se estendem até as proximidades de Santana do Capivari, localidade vizinha à cidade mineira de Pouso Alto.

Para leste segue uma linha até as proximidades do velho núcleo Mauá, quando se inflete para o sul, atingindo a baixada sedimentar do vale do Paraíba.

A área abrangida pelos afloramentos destas rochas é bastante extensa, cobrindo cêrca de 1 450 km². É o segundo maciço de rochas nefelínicas do mundo.

Em primeiro lugar, temos o de Kola, na Lapônia, com 1 554 km². Os outros maciços existentes, são de menor monta.

Para têmos uma idéia melhor da grandeza da área do maciço do Itatiaia, basta ver que ela é maior que a do Distrito Federal.

Já DERBY afirmara: "A grande massa montanhosa do Itatiaia, que se eleva cêrca de 2 500 metros de sua base, é, na maior parte, composta de uma variedade de foiaito, que tem mais o aspecto de um granito do que a rocha predominante no Tinguá e Cabo Frio".

Como em todo maciço alcalino, observamos aí no Itatiaia uma diversidade bem grande de rochas. Assim, ao lado dos sienitos nefelínicos — rochas com pouca sílica, de estrutura holocristalina (isto é, de cristais grandes e bem formados), encontramos outros, como os fonolitos porfiróides, onde vemos somente alguns cristais pequenos no meio de massa cristalina ou semi-cristalina.

Observa-se, também, que algumas vèzes a rocha se apresenta mais silicosa, tornando-se mais ácida. Assim, esta tendência da rocha de se tornar mais ácida, é verificada pelo aparecimento de quartzo-sienitos.

A diversidade de rochas tem importância, pois mais tarde veremos que ela influenciará no modelado do alto do planalto.

Estas rochas alcalinas estão encravadas entre outras gnáissicas, bastante características das serras litorâneas.

Na rocha encaixante observamos ser a mesma bastante pobre em calcários, circunstância esta de capital importância para definirmos a origem do maciço. Assim, DALY, explicando a gênese das rochas alcalinas, afirma que elas são formadas pela reação dum magma basáltico sôbre rochas calcárias.

Como as rochas calcárias são praticamente inexistentes em tôrno do maciço, somos forçados a refutar tal conceito.

A teoria que podemos apresentar para explicar a gênese das rochas do Itatiaia é a de BACKLUND, segundo a qual teríamos a formação de um gigantesco domo. Neste batólito interno encontraríamos a cristalização; havendo diferenciações devido à diversidade de densidade dos vários minerais solidificados.

Entretanto, enquanto o magma se achava fluído, ocorreu uma série de movimentos com o aparecimento de várias correntes convectivas. Esta série de movimentos de convecção explica a situação atual de rochas, das mais variadas origens, próximas umas às outras.

Deu-se, também, concomitantemente, com os movimentos de convecção do magma, a digestão das paredes.

O processo de consolidação do magma pode dar-se da seguinte maneira:

1) A temperatura desce até abaixo do ponto de fusão do primeiro mineral: a aegirina, e com isto o magma se cristaliza, segregando gradações de rochas subsaturadas.

2) As altas temperaturas continuam nas paredes elevadas, persistindo nestas áreas a diferenciação magmática (chegando a haver nesta a digestão da aegirina já formada).

3) Formam-se núcleos de rochas, onde se observam associações de sílica, devido à proximidade da cúpula gnáissica.

Observa-se que o teto da gigantesca cúpula apresenta-se fraturado e injetado de diques lamprofíricos, alguns ricos em carbonatos e formações hidrotermais.

No caso do Itatiaia, a teoria de BACKLUND satisfaz, pois, observando-se ao redor da região magmática, vamos encontrar uma área de zonas contendo fontes (hidrotermais) e minerais.



Fig. 2 — Pode-se observar o caos de blocos. Resultam de ataque da erosão realizando os planos de diáclase.

Ao fundo temos um aspecto das Prateleiras. Estas sugerem a um viajante mal avisado a presença de camadas quase horizontais. Entretanto este aspecto é fornecido por juntas quase horizontais.

Este é um dos aspectos do planalto.

Nas zonas limítrofes verifica-se a pobreza em aegirina e tudo parece mostrar que houve a digestão das paredes gnáissicas.

Nas encostas predominam foiaítos típicos. Os cimos do maciço são representados pelas Agulhas Negras onde situamos o sienito quartzoso indicando que o teto gnáissico se apresentava bem próximo, e tendo havido aí a digestão do gnaisse da cúpula.

A existência das correntes convectivas no magma explicaria a pseudo estratificação observada aí. Podemos considerar estas rochas como se fôssem cristais de rochas diferenciadas, encaixadas de outras foiaíticas.

Assim vemos que as rochas das Agulhas se continuam para WSW, como se formassem uma crista, chegando a constituir, devido a sua maior dureza, um obstáculo aos rios, formando vales suspensos, como a várzea das Flores.

A idéia de DERBY, segundo a qual, teríamos aqui a gigantesca raiz dum vulcão, ou, então, os fundamentos duma região vulcânica com várias chaminés, não se explica, por não encontrarmos as chaminés vulcânicas, como nos casos do Tinguá, Poços de Caldas e, também, no de Mendanha.

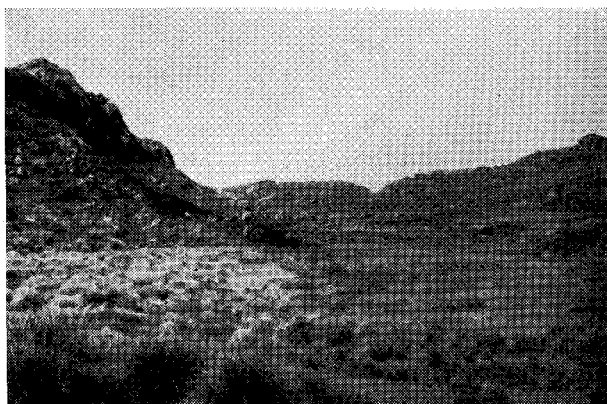


Fig. 3 — Paisagem dum vale de fundo chato do planalto. Estes vales estão com o fundo atulhado de matéria orgânica. De quando em quando encontramos pequenas lagoas aí.

passam a tipos de cristalização em profundidade.

Também não podemos admitir a hipótese de serem as raízes dum vulcão, pois deveríamos encontrar, ainda, sinais do mesmo e, sua idade, relativamente recente, não comportaria que a erosão tivesse carreado os testemunhos.

Outra prova, em contrário, seria a quase ausência de diques fonolíticos, que formam uma verdadeira auréola em tórno dos centros vulcânicos.

Quanto à idade, foi observado que os arenitos de Botucatu, em Poços de Caldas, tiveram a influência de rochas oriundas do magma nefelinico. Portanto, podemos, desde logo, admitir, para as rochas do maciço uma idade eo-jurássica.

Para explicar a atual fisionomia do maciço somos levados a admitir, para a sua formação, a existência de movimentos que o teriam alçado a tal altitude.

Quando se observa minuciosamente a topografia do maciço, vindo do vale do Paraíba, vê-se que, de quando em quando, surgem vales que rompem as colinas foiaíticas, e após um curso rápido, cheio de quedas, apresentam uma série de cones de dejeção, dos quais destacamos o de Campo Belo, que se atravessa, para chegar à sede do parque.

Para se explicar a formação destes cones temos que admitir a existência de falhas. Devido a elas o maciço foi alçado, e em seguida trabalhado violentamente pelos agentes do intemperismo, fornecendo material para a construção dos cones de dejeção. Observando-se com mais atenção, vemos surgir, à meia encosta, um degrau. É a primeira frente de falha.

O ponto fraco da teoria de DERBY depara-se após um exame cuidadoso das amostras de rochas. Elas apresentam uma estrutura granítica muito homogênea e não têm as características de rochas efusivas ou hipoabissais como se verifica com as rochas de zonas, onde encontramos chaminés vulcânicas. Assim, não aparecem no gigantesco monolito do Itatiaia, os fonolitos tufáceos ou basaltos, ou, então, tufo verdadeiros.

As rochas efusivas, quando surgem, são pequenas manchas que rapidamente

Do lado do rio Paraíba o maciço apresenta duas frentes de bloco falhado, que afetaram os gnaisses e os foiaitos. Observamos que do lado mineiro, o bloco do Itatiaia apresenta-se basculado, suavemente para o norte.



Fig. 4 — Vista tomada na direção da serra de Queluz (no fundo à esquerda) vendo-se à direita uma zona acidentada, mas muito mais baixa. No primeiro plano temos um aspecto do planalto.

Somos forçados a admitir que o sistema de falhamento, que deu como resultado a formação do Itatiaia, é da mesma idade daquele que constituiu a serra do Mar. Nesta última, temos fortes razões para admitir a existência de frentes de falha.

A idade das falhas é provavelmente post-cretácea, pois encontramos na costa do Brasil, mais ao norte, falhas importantes, que afetaram as rochas cretáceas.

Outra prova da idade, relativamente recente, para o imponente escarpamento do Itatiaia, é a própria existência do mesmo. De outra maneira não se explicaria que tal escarpa subsistisse por muito tempo, encarregando-se de provocar o nivelamento da região.

Também os rios, caindo como torrentes, constituem outras provas da juventude da escarpa.

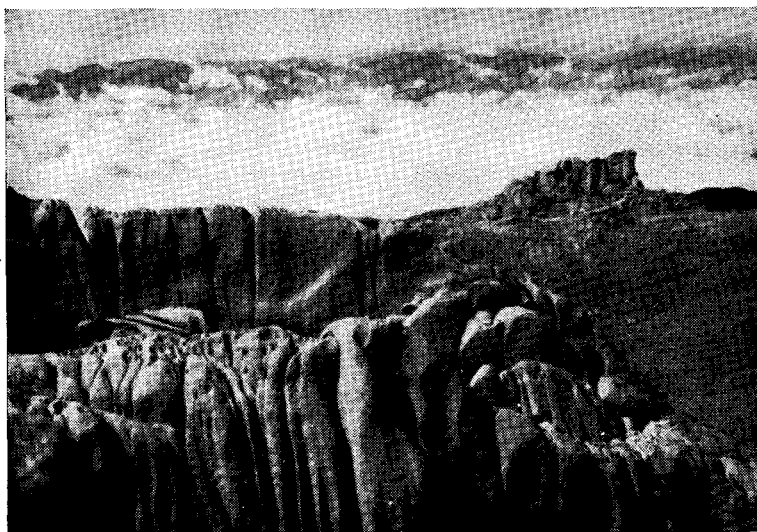


Fig. 5 — Outro aspecto das Prateleiras ao fundo. Em primeiro plano vemos caneluras e pequenas depressões resultando da dissolução do sienito devido à água da chuva. A superfície da rocha está coberta por uma crosta de líquens. A água que escorre traz dissolvida certa quantidade de ácidos orgânicos que têm grande importância no ataque às rochas.

Nestes rios observamos a quase ausência de capturas. Tal fato constitui um forte argumento para a idade, relativamente recente, da frente do bloco falhado.

Naturalmente, quando se elevou o maciço do Itatiaia, e chegando à posição atual, tal bloco passou, então a constituir uma barreira às massas de ar, carregadas de umidade, que vinham do oceano.

Como resultado, temos aí uma pluviosidade anual, maior que a da base em Resende, chegando a cair, em cima um excesso de 800 mm., sôbre a quantidade de chuva registada na base.

A pluviosidade decresce para o lado mineiro, refletindo nas associações florísticas.

Devido à grande altitude, a temperatura anual média é baixa, comparada com a da base, caindo em muitos invernos abaixo de zero graus centígrados, provoca as geadas, e os pequenos lagos e riachos ficam também gelados.

Tendo em vista as temperaturas, que são muito baixas, não se verifica, pois, o desenvolvimento dos solos lateríticos, que caracterizam a zona baixa do vale do Paraíba.

A matéria orgânica se acumula com o tempo e vai constituir os solos turfosos, próprios das zonas temperadas e frias.

Ainda no alto do Itatiaia se verifica uma estação sêca, bem mais nítida, que nas encostas mais baixas.

A topografia do planalto, com suas agulhas, grandes bossas ou um mar de grandes blocos, ou, então, com gigantescas caneluras, explica-se facilmente. Não podemos invocar, exclusivamente nas condições atuais, para explicar este modelado, a existência de geleiras, pois, embora seja o planalto bem elevado, está localizado aquém do limite das neves eternas.

Poderia, durante o Quaternário antigo, quando tivemos períodos glaciários, ter sido o Itatiaia sede de algum glaciário. Isto é provável, pois o planalto está situado próximo do limite das neves, e, um abaixamento de alguns graus de temperatura teria colocado esta no domínio das neves eternas.

Entretanto, sabemos, devido a estudos recentes, que a ação mais enérgica da erosão se dá, preferencialmente, nas zonas periglaciárias, e, aí, a geada e outros agentes do modelado periglacial têm papel ativo na desagregação da rocha. A neve, por si só não esculpe, a não ser localmente, na descida das geleiras. Ela constitui, de modo geral, um manto protetor.

Hoje em dia, pode-se observar nas encostas e nos solos a ação da geada, erguendo blocos que podem ultrapassar a 2 kg. Esta geada, com tal ação, pode provocar a queda de blocos pequenos nas encostas mais íngremes, ou deslocar os mesmos como observamos nos cortes da estrada de rodagem. Nas secções, da estrada de rodagem pode-se ver o papel ativo que têm as juntas que cortam o foiaíto. É o grande número de fendas que vai possibilitar a desagregação mais rápida das rochas. Na superfície rochosa, os líquens e musgos permitem conservar a água caída, por mais alguns dias, sôbre a crosta vegetal, que reveste as rochas após a chuva, permitindo a penetração da água.

Também nas partes deprimidas a decomposição química é mais ativa, por causa do solo rico em matéria orgânica, pois esta tem a propriedade de reter uma quantidade muito grande de água. Esta desce ao longo das fissuras das rochas, e decompõe profundamente os feldspatos e feldspatóides. De quando em quando, observamos núcleos, pouco fendilhados, e que restam quase intactos, como grandes blocos (devido à rocha não fendilhada resistir mais aos agentes de meteorização).

Às vêzes a rocha caulinizada é retirada, restando êstes blocos, que vão constituir o caos dos blocos, que podem ser vistos do planalto. Aliás, este mesmo aspecto é observável bem próximo da sede do parque, já muito mais baixo que o planalto, sôbre a rocha matriz.

Outra prova da forte ação da decomposição química, é o grande número de alvéolos, existentes na superfície das rochas, onde se dá uma verdadeira dissolução do foiaíto. O mesmo se observa na formação das caneluras.

Isto se verifica em função da constituição da própria rocha e com o auxílio de vegetais inferiores, ressaltando entre êles os líquens.

Dêste modo fica patente a supremacia aí da decomposição química sôbre a desagregação mecânica, única responsável por todo o modelado.

A própria formação das depressões é facilmente explicada pela ação química. Com a hidratação dos feldspatos e feldspatóides, êstes podem ser evacuados em suspensão ou sob

a forma coloidal. Além disso, outra parte é levada em dissolução. Forma-se, assim, a primeira cavidade. A partir daí, a evolução é fácil. Os ácidos orgânicos têm um papel ativo na dissolução, e, assim, amplia-se a depressão.

A erosão diferencial nos blocos, que se apresentam mais ou menos cortados de juntas, e os diferentes tipos de rochas alcalinas observadas, explicam a topografia atual.

Assim, surgem formas de relêvo, as mais diversas. As cristas constituem ferrolhos, que barram as lagoas, formando verdadeiros vales pantanosos suspensos, como as vargens do Lírio, do Aiuroca, das Flores, etc. Isto se verifica, devido ao ataque mais fácil da erosão e a variedade de rochas alcalinas.

É aos agentes da decomposição química, aliados aos agentes atmosféricos e à ação dos vegetais, que devemos a multiplicidade das formas. Assim são, ora grandes blocos arredondados, como o da Maçã, ora em forma de tábuas gigantes, como a espetacular Prateleira e a Pedra Assentada. Outras vezes são formas de gigantescas agulhas, como ocorre com as desconhecidas Agulhas Negras. Enfim, temos aí, um aspecto tumultuário de formas de blocos e picos.

Há quem encontre no alto do planalto os vestígios de uma alta superfície, correspondendo à de campos, do famoso mestre DE MARTONNE. Cremos, entretanto, ser um pouco temerário afirmar tal, pois, não se assemelha à de uma superfície típica de erosão. Temos, antes, um relêvo bastante acidentado. É muito provável aí, a existência de uma antiga glaciação. Entretanto, as formas que resultariam da glaciação, trabalhadas em um clima tão pluvioso, estariam profundamente mascaradas.

Há observadores mal orientados que consideram a existência de *hogbacks*, entretanto é absurda tal hipótese pois as rochas eruptivas não apresentam camadas.

No modelado das encostas, tem papel ativo a retirada da vegetação primitiva. Devido à forte inclinação das encostas, com a derrubada, o material desta, por uma questão de equilíbrio, deslizará. Constituem-se, assim, as voçorocas, e outros pequenos deslizamentos, que originam formas, como pequenos terraços e pequenas corridas de solo.

A lavagem, pelo água da chuva, na encosta, quando se retira a vegetação, tem, como consequência, carreações parciais do solo, diminuindo o rendimento das culturas.



Fig. 6 — Depressão formada no sienito. Pouco a jusante encontramos uma queda abrupta do riacho. O vale aqui é embrejado e o rio não apresenta um curso bastante nítido. A quantidade da matéria orgânica no fundo do vale é bem considerável e resulta da lavagem das vertentes.

FLORA

Na flora do Itatiaia, temos a considerar, de pronto, dois tipos diversos:

- a) a da encosta;
- b) a do campo.

Na da encosta, podemos distinguir dois subtipos, bem característicos:

- 1) as capoeiras;
- 2) a mata primária.

As primeiras resultam da retirada da mata primária. A capoeira se caracteriza pelo aparecimento de espécies, que não existem na mata primária.

Os seus elementos se distinguem dos elementos da mata, por se apresentarem de porte fino e menor resistência.

Imediatamente após a derrubada e queimada, surgem as primeiras espécies invasoras, sendo mais características as samambaias e outras árvores rasteiras.

Dentre as outras espécies, encontramos a quaresma, cujo nome resulta de apresentar na semana santa o seu período de floração. Então, nesta época, em tôda a encosta onde encontramos capoeira, ver-se-á o revestimento arroxeadado, emprestado pelas flores daquele vegetal.

Dominando esta formação com seus galhos, que mais se parecem gigantescos candelabros invertidos, erguem-se as prateadas embaúbas.

Encontramos, além desses, outros elementos próprios, como o assa-peixe, o ipê branco, muitas canelas, jacaré, ôlho de cabra, etc.

Observamos que, enquanto na mata primária, não há homogeneidade, na constituição das associações, na capoeira, ela se verifica.

Quanto às associações, o murici e o jameiro, constituem, como a imbaúba, o pente de macaco e os cararás, as espécies mais comuns, em permeio com a canela e o cedrinho.

Na mata primária, os elementos arbóreos, destacam-se pelo maior porte. A côr da folhagem varia, e, quando observada do alto, as copas das árvores, caracterizam-se pelos matizes do verde.

Quando se vê a floresta virgem da encosta, nota-se de pronto, uma sensível diferença entre as faces sul e norte. As massas frias, vindas do sul, agravadas pela existência da gigantesca barreira, são responsáveis pela intensa pluviosidade na face sul.

Ao norte, devido ao efeito da posição de sotavento, temos uma região mais sêca. Em consequência, a vegetação reflete esta diferença, constituindo dois tipos díspares.

Ao sul, temos entre as palmeiras: o palmito doce e a brejáuba, que não aparecem ao norte.

Ao norte, encontramos a pereira, o sassafrazinho e o jacarandá, que não existem no sul.

Há, entretanto, plantas comuns nos dois lados, como a candeia, casca d'anta, e o cedro guatambu. Deparam-se-nos também, entre os de maior porte o ipê, o bico-de-pato, o angelim, a canela preta, a canjerana, etc.

No campo a flora apresenta-se com uma fitofisionomia bem diversa. A primeira impressão leva-nos a crer que exista somente uma vegetação rasteira, entretanto, surgem capões no meio dela, dando-lhe aspecto diferente com os seus elementos arbóreos.

A floração, no planalto, é, verdadeiramente, um espetáculo inigualável. Surgem, onde quase não se via vegetação, flores, as mais diversas, quanto a sua côr, e odor, deixando-nos em dificuldades para distinguir qual a mais bela.

Assim, encontramos os brincos de princesa, as belas carminadas e algumas orquídeas. Impressionam, pela sua forma esdrúxula, os belos *Paepalanthus*.

Ainda destacamos os fetos e licopódios e os bambuzinhos do gênero *Chusquea*, além da grande quantidade de líquens e musgos.

A época de floração do planalto verifica-se no fim da primavera e durante o verão.

Infelizmente o fogo devasta, de quando em quando, a vegetação do planalto, maltratando bastante as espécies rasteiras.

Alguns chamam a esta flora de alpina; entretanto, preferimos chamar de flora do planalto, pois a mesma ocorre, também, no maciço, e reflete condições ecológicas especiais.

Quando estamos na época de floração, o planalto se nos afigura mais um jardim, com miríades de flores, cada qual a mais bela.

FAUNA

Quanto à fauna, embora tenha sido duramente castigada pelo homem e pelo fogo, é bastante variada. Para isto, basta lançar os olhos pelo museu admiravelmente organizado pela administração do parque.

Uma observação interessante é relativa à fauna dos rios do planalto; onde não existem espécies da ordem "Piscis". Sòmente há nestas águas um pequeno anfíbio. Não se encontram serpentes venenosas nas regiões elevadas do planalto.

OCUPAÇÃO HUMANA

Quanto à ocupação humana, sòmente podemos apresentar algumas notas relativamente às encostas. Num primeiro estágio, o homem derrubou as matas e fêz suas culturas. Os cafèzais trouxeram a devastação até certa altitude.

É bem antigo o caminho entre a serra de Quehuz e do Itatiaia. Por aí caminharam os bravos bandeirantes.

Também aí passa a atual estrada de rodagem, que vai ter às estações de águas São Lourenço e Caxambu.

O tipo de atividade das fazendas antigas do lado mineiro é o de criação, e o gado, durante o verão, é trazido para o alto (transumância).

Do lado do rio Paraíba, devido a maior umidade, temos aí possibilidades de alguma lavoura. Os terrenos agrícolas estão, de preferência, nas encostas menos íngremes e vales de fundo chato, como se pode observar quando se sobe o rio do Salto.

Deram-se duas tentativas de colonização, uma no núcleo Mauá e outro em Macieiras, mas malograram.

Com o desenvolvimento da indústria no vale do Paraíba, foram devastadas áreas consideráveis para o fabrico do carvão vegetal, destinado àquelas indústrias.

Últimamente se desenvolveu a indústria do turismo e veraneio, sendo bem procurados os hotéis dos arredores e o número de visitantes do Parque cresce a olhos vistos.

O govêrno, aproveitando está área excepcional, que é capaz de despertar o interêsse do público criou, no maciço do Itatiaia, um parque nacional. Assim, êle tornou-se proprietário duma área, que poderia servir de fonte de estudo e também ser utilizada pelas gerações futuras. É o Parque Nacional uma criação de inestimável valor, e o govêrno oferece ao povo um centro de descanso e de identificação com a natureza.

No plano do Parque, consta a criação por parte do govêrno de hotéis e abrigos que possam proporcionar ao habitante menos favorecido das grandes cidades, um retiro onde se sentirá feliz e, a um preço razoável.

A função mais importante do Parque, entretanto, é resguardar o cenário, a natureza, enfim, a paisagem, fugindo à ação destruidora do homem.

Deixamos aqui, antes de terminar, o nosso agradecimento ao Dr. WANDERBILT DUARTE DE BARROS, digníssimo administrador, que tão gentilmente nos acolheu, e ao qual somos reconhecidos pelas facilidades que, com a sua notória delicadeza, nos proporcionou.